

GONZÁLES

VERA: DE JOVEM

ANARQUISTA A HOMEM DE ESQUERDA¹

Sergio Grez Toso²

Quando se escreve ou se fala de José Santos González Vera, é lugar-comum referir-se à sua condição de anarquista sem maiores precisões acerca da profundidade, do alcance e duração de seu compromisso com “a Ideia” libertária. Admiradores e detratores, exegetas, críticos, literatos, historiadores, jornalistas, tesistas, compiladores de seus escritos jornalísticos e um sem fim de estudiosos de sua obra são unânimes em enfatizar o anarquismo como o traço político-ideológico central de sua existência, desde os primeiros anos da adolescência até sua morte. Embora tal afirmação contenha elementos de verdade, pois são numerosas as marcas de sua atividade na corrente anarquista chilena na segunda década e na primeira metade da terceira década do século XX, e seja corroborada também com seu próprio testemunho, não é menos certo que, como veremos a seguir, ao se analisarem com atenção numerosas fontes relacionadas a este escritor, o anarquismo de González Vera, a partir da segunda metade dos anos 1920, fica sob suspeição.

Jovem anarquista

Provavelmente, a primeira vez que José Santos González Vera tomou conhecimento de que existia a palavra “anarquista” foi quando, ainda criança, escutou de seu pai, ateu e livre-pensador profundamente anticlerical e recém-filiado ao Partido Radical, ao elogiar o seu irmão Efraín, por quem tinha preferência, lhe disse: “Meu filho será anarquista!” No entanto, quando, anos mais tarde, ao sair da adolescência, o futuro Prêmio Nacional de Literatura confessou a seu pai que era um anarquista, causou-lhe desgosto, pois este houvera preferido que fosse socialista, “porque em um partido, afirmou, uma pessoa cresce”³.

Como costuma ocorrer na formação política de qualquer pessoa, em González Vera confluíram muitos fatores para que em seus anos de adolescente e de jovem adulto aderisse fervorosamente ao projeto anarquista. Como marco geral, deve ter pesado o contexto social e político da época, os anos imediatamente posteriores ao centenário da independência nacional, de profundas comoções provocadas por crises econômicas e de decadência da República Parlamentar oligárquica, com a conseqüente agravação dos males da “questão social” e de ascensão do movimento operário. Ligadas a este último fenômeno, e estimulando sua radicalização, emergiam correntes mais radicais que as tradicionais tendências assistencialistas e democratas que haviam hegemônico quase sem contraposição o movimento dos trabalhadores até começos do século XX. Os anarquistas se destacavam particularmente por sua ruidosa aparição nos últimos anos do século precedente, por sua participação não menos retumbante em alguns conflitos sociais na alvorada do novo século e por uma profusa e esforçada tarefa de publicação de jornais e panfletos, de criação de sociedades de resistência, ateneus operários, centros de estudos sociais, de estímulo a greves e manifestações de protesto e inúmeras atividades que tentavam encarnar os ideais do anarquismo na “região chilena”⁴.

Também devem ter influenciado na definição política de José Santos fatores mais diretos e imediatos, como seu entorno familiar e social (lembramos que sua família era típica dos estratos mais modestos de uma classe média baixa de origem rural, residindo na capital nos primeiros anos do século), suas amizades e relações sociais e uma série de experiências de vida que ele mesmo relatou depois em diversos escritos, especialmente no livro *Cuando era muchacho*. Na capital, sua família se instalou no velho bairro de La Chimba, em cujas avenidas – Recoleta, Independencia, Maruri, Rivera, Vivaceta – transcorreram os últimos anos da infância e os da adolescência de González Vera.

Nas velhas casas e cortiços do bairro habitava uma heterogênea massa popular composta por operários, artesãos, pequenos comerciantes, modestísimos empregados, taberneiros, mendigos e delinquentes. Alguns parágrafos

da pena do escritor nos entregam uma imagem muito viva do que era esse mundo e essas ruas nas primeiras décadas do século XX:

Em março fui admitido na segunda preparatória do Liceu Santiago. Sem prejudicar os estudos, vaguei pelo bairro e não deixei lugar sem conhecer. Existiam ruas formadas unicamente por cortiços, que se comunicavam pelo interior e permitiam fazer viagens pitorescas sabendo se orientar na rede de portas e passagens. [...]

Em Rivera há uma igreja que continua em um convento de altos muros e que se estende até Fermín Vivaceta e vira à direita em outra longa quadra, quase chegando a Retiro. Por Vivaceta há uma porta descomunal, maltratada pelas batidas dos mendigos. Ao meio-dia, um frade abria a porta e se postava diante de um caldeirão de sopa. Uma trintena de esfarrapados estendiam suas painelas e o sacerdote as enchia sem dizer palavra. Assim que os pedintes se dispersavam, vinha o fechamento do portão. Durante minutos ouvia-se o ruído de barras e de trancas.

Desse modo, os piedosos habitantes se protegiam de latrocínios e excessos. Vivaceta, ou o beco das Hornillas, contava com apreciável número de cantinas. Do lado oeste havia ruas sem urbanização onde se abrigavam incontáveis *punhaleiros*. Recebiam esse nome não por fazer punhais, mas por empregá-los amiúde, em abrir o ventre de seus semelhantes, aos quais também roubavam. Não morria gente a cada dia, mas a cada semana ou cada mês⁵.

Durante sua estada no liceu, em mais de uma ocasião José Santos deu mostras de seu caráter rebelde e contestatário. Seu pai conseguiu que o liberrassem das aulas de religião, mas, por iniciativa própria, o jovem começou a faltar às aulas que não eram de seu agrado ou que considerava inúteis: caligrafia, ginástica e canto. Em pouco tempo, seus problemas de comportamento provocaram a iminência de sua expulsão. Poderia ter evitado uma medida tão drástica, bastava um pequeno pedido para consegui-lo, já que suas notas eram boas nas demais disciplinas. Por firmeza de caráter ou ato irreflexivo, não o fez. Foi expulso sem sequer concluir o primeiro ano de Humanidades (equivalente ao 7º básico atual). “Agora trabalharás”, foi a sentença simples e inapelável de seu pai⁶.

O jovem rebelde passou rapidamente a fazer parte ativa da classe trabalhadora. Foi ajudante de pintor, ajudante de buscador de antiguidades, aprendiz em várias alfaiatarias, em uma casa de leilões e na oficina de uma fundição, lustrador de botas no Club de Septiembre e depois ajudante da biblioteca do mesmo clube. Mais tarde teve uma fugaz experiência como aprendiz de uma barbearia, cujo proprietário era Gualterio Stones, um anarquista filho de

ingleses. Em seguida, foi aprendiz de sapateiro na oficina de outro anarquista, o velho Manuel Antonio Silva, e quando o trabalho escasseou nesse lugar se transferiu à oficina do sapateiro Nicolás Navarrete, simpatizante anarquista. Já mais crescido, graças a sua inclinação literária e ao contato com intelectuais boêmios como José Domingo Gómez Rojas, transformou-se em administrador e principal vendedor da revista *Selva Lirica*. Depois, foi editor de uma revista própria, *La Pluma*, de efêmera existência, correspondente de um jornal provinciano, funcionário de uma clínica, cobrador de bondes em Valparaíso, redator de um jornal em Temuco, cronista de um jornal em Valdivia e empregado de uma fundição na mesma cidade. Para rematar sua trajetória de trabalhador manual ou em ofícios de pouca importância, entre meados dos anos 1920 e 1932 trabalhou como ajudante de revisor de provas na imprensa da penitenciária de Santiago e, finalmente, vendedor em uma peleteria⁷.

O trabalho assalariado, o contato com a crua realidade social e as relações com numerosos elementos anarquistas que pululavam nos setores onde transcorreu sua adolescência e juventude se somaram ao anticlericalismo herdado de seu pai para constituir sua primeira afiliação política, a mais conhecida, decidida e clara de sua existência. Com o passar dos anos, o escritor tomaria distância crítica frente a seu próprio processo de definições ideológicas, que analisaria com notável honestidade. Com respeito a seus sentimentos frente à religião e suas instituições, diria que a origem de seu anticlericalismo, afóra a admiração que sentia por seu pai, não tinha bases sólidas porque ainda carecia de experiência para senti-la com convicção, e o ateísmo que disso derivou em tenra idade havia sido “recitativo e prematuro”, agregando que, apesar disso, ao se sentir angustiado não podia se aliviar a não ser invocando o nome de Deus...⁸

Contudo, naquela época, quando ainda era estudante e durante os anos em que exerceu diferentes ofícios como trabalhador não qualificado, José Santos reafirmou suas convicções antirreligiosas e anticlericais. Encarregado por um amigo do patrão de uma fundição em que esteve empregado por algum tempo, ficou com a tarefa de distribuir *La Linterna*, publicação anticlerical, o que lhe permitiu, entre outras coisas, conhecer o anarquista Juan Gandulfo, estudante de Medicina que pouco depois desempenharia um destacado papel na direção da Federação de Estudantes da Universidade do Chile (Fech). Em 1913, quando ainda não tinha completado 16 anos de idade, José Santos participou das combativas manifestações contra a visita ao Chile do internúncio papal monsenhor Sibila, assistiu às conferências da livre-pensadora feminista espanhola Belén de Zárraga, de forte posicionamento anticlerical, e participou nas tumultuadas manifestações em seu apoio, nas quais se mesclavam ateus, maçons, livres-pensadores, anarquistas e socialistas⁹.

Em suas confissões e balanço da maturidade, González Vera não seria tão explícito com referência a seu também precoce anarquismo. Porém, como veremos mais adiante, o passar dos anos temperaram essa adesão, posicionando-o em uma área política, a de uma esquerda genérica e não partidária, que na realidade pouco tinha a ver com os preceitos do anarquismo. Porém, por ora é necessário continuar a reconstrução e análise de seu percurso nas fileiras dos partidários de “La Idea” libertária.

Tanto por seus contatos com os meios anticlericais como pelo exercício de certos ofícios manuais e de seu *habitat* (miseros cortiços), José Santos se familiarizou com militantes e simpatizantes anarquistas, especialmente operários e artesãos. Um deles era o pintor Valdebenito, que o levou a assistir Belén de Zárraga; outro foi o sapateiro Manuel Antônio Silva, mas, segundo seu próprio testemunho, quem exerceu maior influência em sua definição ideológica foi seu mestre, o sapateiro Augusto Pinto: “Nos unia a mais profunda afinidade, e tudo o que ele dizia encontrava em mim perdurável ressonância. Sempre estávamos imaginando, detalhe por detalhe, a organização futura, a anárquica, a dos iguais”¹⁰. Por aquela época, 1913-1914, González Vera se incorporou decididamente a trabalhar pela “Causa”. Parte do domingo, quando não tinha turno de trabalho até a noite – e, mais tarde, todos os domingos –, assistia às conferências e atividades do Centro de Estudos Sociais Francisco Ferrer, da capital, onde viu pela primeira vez o jovem poeta anarquista José Domingo Gómez Rojas, com quem chegaria a estabelecer amizade, não isenta de um sentimento de grande admiração¹¹. Data da mesma época sua grande amizade de quase toda vida com o também jovem anarquista e literato Manuel Rojas.

De regresso de uma breve estada em Valparaíso, onde trabalhou como cobrador de bonde, começou a ter um contato mais estreito com o poeta Gómez Rojas e a ler, entre outros, Kropotkín¹². Segundo o testemunho do próprio González Vera, escrito várias décadas mais tarde, sua formação político-ideológica anarquista, praticada então de maneira mais sistemática, teve as características de devoção, rigidez, dogmatismo e exclusivismo característico dos recém-convertidos a uma seita (seja religiosa ou de redenção social):

Cuidei-me de não ler doutrina alguma que contrariasse minhas ideias. Havia as acolhido com fervor, com religiosidade, como se fossem dogmas. Acreditava haver descoberto a verdade e sentia por meus semelhantes um piedoso desdém. O que lhes impedia de ver o que eu via e pensar como eu pensava? De Kropotkín passei a outros russos e, em seguida – sem me dar conta –, aos franceses, nórdicos, os espanhóis, a quantos tinham como horizonte a melhoria social¹³.

Em 1914, escreveu alguns breves artigos para o jornal anarquista santiaguino *La Batalla*, um dos mais radicais e de longa duração produzidos pela corrente anarquista nas primeiras décadas do novo século. Neles refletia uma adesão fervorosa ao credo libertário e ódio pelos inimigos do povo (exploradores, burgueses, sacerdotes e militares)¹⁴. Mais tarde, principalmente entre 1919 e 1923, colaborou com maior regularidade ainda no órgão anarquista *Verba Roja*, em *Numen* e na revista *Claridad*, da Federação de Estudantes. Naqueles anos, seu compromisso com a corrente anarquista alcançou o ponto máximo antes de começar a diluir-se nas vicissitudes de sua vida e da situação política do país. Em março de 1919, proclamou claramente suas convicções e programa:

Queremos, simplesmente, o advento de uma organização social que não enfraqueça os direitos do indivíduo, nem sancione a exploração do homem pelo homem, nem submeta a maioria produtora ao domínio de uma minoria parasitária, que sem direito algum absorve e ameaça as atividades coletivas. Convencidos de que a sociedade se mantém e progride pelo esforço constante de todos os seus membros, queremos que retribua esse esforço, esse sacrifício, dando satisfação plena às necessidades materiais e intelectuais de cada um.

Aspiramos, pois, a uma organização que contemple o livre desenvolvimento de cada personalidade e assegure a igualdade econômica de todos os seres humanos¹⁵.

Na variada gama de posições anarquistas, José Santos aderiu àquelas de corte mais evolucionista e pacífico. Em nenhum de seus escritos daquela época que pudemos pesquisar transparece a menor alusão à necessidade do emprego da violência revolucionária para vencer a resistência dos exploradores e inimigos do povo, como o fizeram outros expoentes da vertente anarquista. No artigo citado anteriormente, agregava em continuação um chamamento que não deixava dúvidas a respeito de sua inclinação pelos métodos meramente pacíficos e persuasivos.

Consequentes com este ideal, defendemos a conscientização individual e coletiva e estimulamos intensamente a união, o acordo fraternal de todos os homens, para realização desses princípios.

Essa doutrina, perfeitamente lógica, humana e justa, não oferece perigo para ninguém; porém, lamentamos quando vemos que algumas pessoas as interpretam a seu modo, tergiversam seu sentido e desse modo nos identificam como assassinos, como ladrões e demais elementos antissociais¹⁶.

González Vera já marcava com um sentido peculiar seu compromisso com a causa anarquista. Sua adesão não estava isenta de matizes e de uma visão crítica, como a que expressaria sobre a corrente anarquista e sua rival socialista, conforme pode ser visto em um escrito de sua autoria publicado em outubro de 1919:

Os socialistas e anarquistas, em dez anos de atividades de luta – poder-se-ia dizer –, não acumularam mais adesões do que as que tinham no começo.

Derramaram suas doutrinas sobre grupos heterogêneos e estes grupos concordaram, mas não as incorporaram. Há no ambiente vagas simpatias; mas falta o convencimento.

Os socialistas e anarquistas como ontem estão isolados, como ontem são perseguidos e caluniados e, também como ontem, não são compreendidos pela massa.

E por quê? Porque o tempo que deviam dedicar à luta tem sido gasto em discussões entre si, e mesmo assim ninguém conseguiu convencer o outro, mas apenas manter um círculo vicioso. Além disso, estão divididos por inimizades pessoais. [...]

Nos sindicatos e nas federações há muito trabalho a fazer.

Os recentes movimentos grevistas têm carecido de estímulo e têm demonstrado que as forças proletárias são inconsistentes, e o pior é que não sabem lutar.

O proletariado ainda não conhece suas armas e, por isso, não consegue tirar partido delas.

Vocês, companheiros socialistas e anarquistas, poderiam unir estas duas forças, discipliná-las e torná-las aptas para que seus movimentos fossem sempre vitoriosos¹⁷.

Essas posições eram o resultado de seu amadurecimento intelectual e político. Se cinco anos antes não lia nada que contrariasse suas ideias comunistas libertárias, acolhidas segundo seu próprio testemunho, “com fervor, com religiosidade, como se fossem dogmas” (*Eutrapelia*, p. 80), agora seu pensamento fluía livre e independente:

Há menos de cinco anos comecei a ler autores que pretendiam apenas refletir sobre a realidade ou dizer o que pensavam. No início, precisei de coragem. Depois fui me acostumando com a liberdade de pensamento. É um prazer que embriaga e confunde. Ver-se diante de vários caminhos dificulta a escolha.

Os homens independentes, os que pretendem ser livres, sem dúvida respondem a uma vocação e fazem parte de uma família distinta daquela dos simples crentes, que vão, apressados, a um fim definido.

Caminham sem rumo fixo os buscadores livres, vão dispersos, não têm um alvo comum. Suas pequenas conquistas não pesam nem se avolumam. Gostam de transitar por lugares e sendas escolhidas aleatoriamente, porém, se consideramos quantas janelas que eles abrem aqui e ali, justifica-se sua mobilidade. São iluminadores. E quando os outros, os do dogma ou do sistema, estão comprometidos e os valores da convivência estão à beira de sucumbir, de quem é o vozeirão mais retumbante? Quem clama mais alto? O homem que busca sua verdade, embora não siga por caminho conhecido, costuma encontrá-la por todos¹⁸.

Embora essas opiniões tenham sido escritas três décadas depois do final da militância de José Santos nas fileiras anarquistas, e fossem fruto de uma reflexão de homem maduro que fazia uma releitura de seu passado, não resta dúvida de que refletiam mais ou menos objetivamente a evolução que o jovem militante estava experimentando em finais da segunda década do século XX. Essas mudanças começaram a acontecer no último período do governo de Juan Luis Sanfuentes, época em que nosso personagem, apesar de continuar sendo um modestíssimo trabalhador que deambulava de uma ocupação a outra, frequentou o ambiente da Federação de Estudantes da Universidade do Chile. Até 1920, a Fech era um foco de calorosas discussões e atividades de caráter contestatório da ordem social e política vigente na fase de acelerada decomposição da República Parlamentar¹⁹. Em seu seio florescia todo tipo de tendências e posições, destacando-se as que se inscreviam numa perspectiva de crítica social, política e cultural. González Vera diria mais tarde que:

Entre os estudantes havia radicais, anarquistas, católicos, maçons, hinduístas, liberais, positivistas, românticos puros, socialistas coletivistas, democratas e jovens em estado quase selvagem. Estavam unidos pela ideia da mudança social e da simpatia ao trabalhador.

Os livros de Sempere e de outros editores da Espanha punham em mãos de qualquer leitor os moralistas gregos; os utopistas de todas as idades; sociólogos, profetas, sonhadores obstinados em tornar felizes, rapidamente, seus semelhantes²⁰.

Pouco tempo depois, em julho de 1920, a sede da Federação de Estudantes foi atacada por uma horda exaltada de *pijecitos*²¹ católicos que, aderindo às acusações lançadas pelos setores mais reacionários da oligarquia contra os jovens universitários, pretendiam acabar com supostos “agentes peruanos”. Nessa ocasião, José Santos estava entre os defensores da Fech e foi vítima daqueles agressores e da repressão policial, que, em vez de refrear e castigar

os culpados, voltou-se contra os estudantes e seus aliados do movimento operário. O ambiente de perseguição o persuadiu a abandonar temporariamente a capital, indo tentar a sorte primeiro em Temuco e depois em Valdivia²². Seu autoexílio no interior durou pouco. Em fevereiro de 1921, semanas depois que Arturo Alessandri Palma foi empossado na presidência da República, González Vera decidiu voltar à capital:

Fui tomado pela saudade – explicaria depois –, essa saudade que faz com que o santiaguino que mora em outra cidade, amiúde, erga os olhos em busca da cordilheira. Mas não era só a cordilheira que me fazia falta. Eram as ruas, as pessoas, os amigos, as cafeterias. Até os antipáticos se santificavam em minhas lembranças²³.

Assim que retornou a Santiago, ele começou a escrever artigos para *Claridad*, o semanário da Fech. Embora não fosse o único colaborador “externo” (lembramos que ele não era estudante universitário), foi um dos mais assíduos dentro dessa categoria²⁴. Às vezes assinava com seu sobrenome (González Vera, simplesmente), em outras ocasiões com pseudônimos: Elias Aguirre, Demetrio Rudín ou Demetrio Rubio, ou também com as iniciais G. V.²⁵ Sua primeira colaboração para o órgão estudantil abordou o projeto de formação de um Partido Trabalhista ou Partido Único da Classe Trabalhadora, que havia surgido de alguns setores da Federação Operária do Chile (Foch), que pretendiam reunir os “trabalhadores socialistas e democratas, conservadores e radicais, liberais, religiosos e ateus” para que avançassem “unidos à conquista do poder político”²⁶. Sua base seria a fusão da central sindical com o Partido Obrero Socialista e o Partido Democrático²⁷. Partindo de uma posição tipicamente anarquista, González Vera descartou a iniciativa por considerá-la prejudicial para a classe trabalhadora. Os trabalhistas no Parlamento, argumentou, seriam apenas uma ínfima minoria incapaz de aprovar sequer uma lei em benefício dos trabalhadores. Sua tarefa se limitaria “a pronunciar discursos expositivos e a obstruir a votação dos projetos *camuflage* [sic]”²⁸. Somente em muito longo prazo, talvez, poderia tal ação dar algum resultado e, enquanto isso, “como consequência da organização política, começaria a enfraquecer-se a organização sindical, a debilitar-se a luta direta, e também começariam a discórdia e o materialismo repulsivo a envenenar moralmente o proletariado”²⁹. Um partido, para tornar-se poderoso, inevitavelmente começaria a “contemplar todos os interesses, a ceder, vacilar um pouco, solidarizar-se com elementos estranhos, perder sua consistência doutrinária e atuar quase sempre com o esquecimento de seus princípios”³⁰. Assim ocorreu com os partidos socialistas alemão e italiano, e, em geral, com os de todo o mundo, que haviam enganado o povo com reformas que

não aliviavam realmente sua situação e terminavam retardando a emancipação do proletariado. Sua conclusão era drástica:

Os partidos socialistas têm funcionado sempre como pelegos entre o capitalismo e os trabalhadores.

Enquanto o proletariado aceitar intermediários, transigir e se fazer representar terá menos pão do que precisa e menos comodidades do que necessita; porém, quando compreender que sua salvação está naquilo que por si mesmo pode fazer, então sentirá que suas amarras não são tão sólidas, e que o poder de seus adversários não está forjado com matéria indestrutível...³¹

Suas posições políticas haviam alcançado um perfil anarquista completo; não apenas nos princípios gerais, mas também nas questões de tática, tal como ficou refletido em um artigo sobre as greves e a ação direta, publicado poucos meses mais tarde no mesmo órgão da Federação de Estudantes. José Santos se pronunciava pelo protagonismo dos trabalhadores, aconselhando-os a resolver por si próprios seus problemas, prescindindo de elementos alheios que se imiscuíam em suas organizações (numa clara alusão aos partidos políticos) e abandonando definitivamente todo recurso oficial. “A ação que nasce na rua – afirmava com convicção – deve evoluir e terminar na rua. Deve-se resistir a toda ação centralizadora e toda intromissão de indivíduos alheios ao núcleo do conflito”³². Também era necessário buscar frequentemente a solidariedade de outras associações e modificar sua estrutura, ampliando-as, transformando-as em sindicatos que incluiriam todos aqueles que trabalham em profissões análogas ou complementares. Desse modo se criaria solidariedade prática e se libertaria o operário do círculo da especialização³³. Sua visão da atividade político-institucional era igualmente fundamentada na doutrina anarquista:

A política como profissão individual supõe uma renúncia espiritual quase absoluta e faz com que os homens abram mão de suas ideias em benefício das ideias dominantes.

O aspirante a cadeira ou a um cargo ministerial renuncia a pensar por si mesmo e age de acordo com as ideias protocolares, com os moldes mentais impostos pelos anciãos³⁴.

Essas posições se entrelaçavam com sua reiteração da necessária independência dos sindicatos frente aos partidos políticos justamente no momento da inauguração da Convenção da Foch, em finais de 1921, que discutiria a possibilidade de formação de um Partido Trabalhista.

Por acaso, a Federação tem algo em comum com os partidos mencionados? Nós não veremos isso em parte alguma. A Federação é um organismo de trabalhadores; os partidos são organizações políticas, e seus membros estão vinculados pelas doutrinas.

A Federação luta por meio da ação direta, sem outro objetivo que não seja a conquista dos meios de produção.

Os partidos lutam através do Estado e conquistam apenas o que ele lhe permite. Podem obter reformas que, em vez de diminuir, aumentam o poder do Estado. A Federação, valendo-se unicamente da força de seus sindicatos, pode conseguir muito mais do que os políticos poderiam lhe dar, e conseguindo, além disso, a capacitação de seus membros. [...]

Nós consideramos que o parlamentarismo como arma sindical produziria o engessamento dos sindicatos e a ruptura da Federação.

Todo esse prejuízo seria para proveito de uma dezena de ambiciosos que aspiram a ocupar postos de deputados³⁵.

Outros artigos de sua autoria, referentes ao patriotismo, ao sindicalismo, à guerra e à paz, ao fascismo, também tinham a marca inconfundível do anarquismo³⁶. Sua posição frente à evolução da Revolução Russa também refletiu as críticas que a corrente anarquista internacional vinha desenvolvendo à medida que o poder bolchevique se consolidava sob a forma da ditadura de um partido único. Sem renegar o apoio inicial que os anarquistas haviam prestado, González Vera afirmava que a revolução havia sido sobretudo uma redenção moral, porque as condições materiais do povo daquele país não tinham nada de invejáveis, fazendo uma diferença clara entre a revolução e o regime derivado dela:

Nossa simpatia pela revolução não se estende ao regime que hoje se impõe na Rússia, porque este regime é tanto ou mais autoritário que os dos outros países.

Como nos demais países, pretende-se resolver tudo por meio de leis, e tem incorrido no imenso erro de impedir a iniciativa popular e de subordinar os sindicatos aos interesses mais ou menos parciais do Partido Comunista.

Lenin, apesar de sua genialidade, nada mais fez que trair o objetivo da revolução. Se esse regime se mantiver, a Rússia se converterá em uma república ligeiramente coletivista, onde, seguramente, os trabalhadores serão mais bem remunerados; mas onde a *burguesia subsistirá, transformada em burocracia*.

Não esqueçamos que para o estancamento da revolução contribuiu, por um lado, a falta de cultura geral, a pouca preparação técnica; e, por outro, o fato de que os demais países têm se mantido em uma posição contrarrevolucionária³⁷.

Sua crítica abarcava também a política internacional do bolchevismo, especialmente as relações com o movimento operário de outros países. Para González Vera, a Internacional de Sindicatos Vermelhos (Profintern), emanção da Internacional Comunista com sede em Moscou, não era mais do que um instrumento de subordinação, “algo como a filial do Partido Comunista”. Os sindicatos vermelhos não haviam tido vida independente nem um só momento: “Nasceram para servir aos interesses do comunismo político e cumpriram seu programa rigorosamente”, sentenciou em um artigo escrito em outubro de 1922³⁸. O proletariado havia sido traído, o estratagema comunista havia apagado a ação antiparlamentar defendida durante quase meio século pelas organizações operárias. Por isso, numerosos sindicatos abandonaram a Internacional Vermelha, que havia se transformado em “uma máquina de notas”³⁹. Cabe destacar que estes e outros severos questionamentos à política do comunismo nacional e internacional foram formulados numa época em que José Santos trabalhou no jornal *La Federación Obrera*, órgão oficial da Foch e do POS, inicialmente; e depois da Foch e do Partido Comunista, junto a Recabarren e Luís Victor Cruz, os dois principais líderes desse partido. Embora, no depoimento que nosso escritor publicaria anos mais tarde na revista *Babel*, não haja precisão sobre as datas de sua atividade no órgão fochista-socialista/comunista, seguramente aconteceu em algum momento entre agosto de 1921 e junho de 1924, período de duração dessa publicação⁴⁰. É altamente provável que isso tenha ocorrido no início desse período, já que em fevereiro de 1922 o jovem escritor publicou em *La Federación Obrera* um artigo intitulado “Luta de classes”, no qual traçou um breve percurso dos enfrentamentos sociais na história da humanidade⁴¹.

As críticas de González Vera alcançavam também seu próprio campo, considerando um erro a pretensão de algumas organizações dissidentes que, reunidas em Berlim, haviam pretendido “subordinar o sindicalismo a certos postulados anarquistas e, desse modo, tornando impossível a formação de uma Internacional ampla”⁴².

Quase um ano mais tarde, em fins de setembro de 1923, em um novo artigo publicado em *Claridad*, em resposta a uma pesquisa sobre a situação do movimento operário no Chile, afirmou que na província de Santiago o movimento estava decadente: os proletários não se preocupavam com sua preparação material e muito menos intelectual, limitavam-se apenas a obedecer e propagar o que lhes era ordenado por algumas lideranças. A sociabilidade operária era medíocre, alguns centros de resistência que haviam conseguido algum êxito estavam em retirada, deixando o campo livre aos aproveitadores; outros, recém-formados, se viram obrigados a abandonar a luta devido à intromissão “dos oportunistas de entidades político-assistenciais”. Para reverter

essa grave situação, José Santos propôs realizar uma “ativa e desinteressada propaganda ideológica”, distribuir os melhores quadros operários nas cidades com maior concentração industrial e convidar todas as associações do país que ainda permaneciam organizadas por ofícios e “abrigadas por histriões de aparência democrática e comunista ditatorial”, para que enviassem seus delegados à convenção que a anarcossindicalista International Workers of the World (IWW)⁴³ realizaria em Santiago.

Sua visão contrastava com a de outros expoentes do movimento anarquista que haviam respondido à mesma pesquisa, em particular com aquela exposta por Armando Triviño, um dos principais dirigentes da IWW, que afirmava que, apesar das dificuldades, dos pessimistas, dos oportunistas e dos vacilantes, a organização operária não havia decaído nem reduzido sua combatividade. Não havia, para esse quadro *wobblie*⁴⁴, decadência nem crise, apenas “transpiração, ou seja, seleção, definição”. Segundo Triviño, os conceitos antagônicos do comunismo autoritário (representado pelo Partido Comunista e predominante na Foch) e do comunismo libertário ou anárquico (encarnado na IWW e nos Centros de Estudos Sociais) estavam claros e nítidos⁴⁵. González Vera, ao contrário, aprofundou sua análise crítica sobre a realidade do movimento operário. No dia seguinte à comemoração do 1º de Maio de 1924, redigiu outro artigo, publicado pouco tempo depois, no qual afirmou que a organização operária possivelmente nunca esteve pior.

De um lado estão os sindicalistas puros, IWW, encastelados em seu espírito de classe, adormecidos com discursos e preocupados exclusivamente com seus interesses. De outro, a Federação Operária, destinada a ser uma das organizações mais poderosas do Chile, se orienta cada vez mais claramente ao comunismo, perdendo, em consequência, a cooperação dos trabalhadores independentes. As agremiações autônomas carecem totalmente de orientação ideológica e só aparecem no momento de declarar uma greve⁴⁶.

Anunciando o que poderia ser, talvez, um ponto de partida de um distanciamento das certezas que vinha sustentando durante uma década de fervorosa adesão aos postulados anarquistas, González Vera concluiu:

O sindicalismo, como norma de ação absoluta, fracassará sempre e em todo o mundo tem se enfraquecido, porque é demasiadamente específico e porque suas soluções, de fato, favorecem apenas uma parte dos trabalhadores manuais. Quando se pretende constituir uma força, não se pode lutar amparado por ideias e sistemas preconcebidos. A realidade é demasiadamente insólita e imensamente complexa para dominá-la com conceitos.

Pode-se dizer o mesmo do comunismo. Peca pela rigidez e se limita apenas a negar⁴⁷.

Convém destacar que, em 1923, ele havia publicado seu primeiro livro, *Vidas mínimas*, composto por novelas breves de caráter autobiográfico: “El conventillo” e “Una mujer”, que foi bem recebido pela crítica. Em consequência, a literatura começava lentamente a ocupar um espaço mais relevante em sua vida.

As marcas de sua atividade militante anarquista vão se perdendo depois de 1924. Em setembro daquele ano, a República Parlamentar entrou em colapso, e se instaurou o poder da Junta de Governo militar, que prometeu realizar uma “revolução” regeneradora da vida nacional, mas que nunca chegou a se concretizar. Pouco se soube de González Vera depois desses fatos. Encontramos apenas traços de sua posição política na edição de 13 de dezembro do mesmo ano do jornal comunista-fochista *Justicia*, em um artigo de análise da situação política desde o desmoronamento do governo de Alessandri Palma até aquele momento. É interessante seguir as linhas centrais de sua argumentação porque através delas é possível intuir alguns elementos da evolução de sua posição insinuada pouco antes. Segundo sua análise, Alessandri havia sido o símbolo de um renascimento, o anúncio de uma etapa. Em torno dele haviam se agrupado os partidos de oposição, e para defendê-lo foram mobilizados milhares de trabalhadores que haviam depositado nele suas aspirações. Porém, chegado o momento da realização de seu programa, o entorno do “Leão” atuou imbuído do pensamento tradicional e com os mesmos procedimentos de seus antecessores. O movimento militar de setembro, embora houvesse despertado simpatias e esperanças, rapidamente causou decepção, entre outras coisas, porque os militares jovens haviam cometido o erro de entregar o poder a seus superiores, os quais distorceram o rumo do movimento em favor da oligarquia. O novo gabinete havia esquecido suas promessas, entre as quais a de convocar uma “livre assembleia constituinte”, e decretou uma legislação eleitoral que favorecia os poderes tradicionais. As perspectivas em finais de 1924 eram incertas. Os últimos parágrafos de seu artigo deixavam transparecer as dúvidas que atormentavam ele e também outras pessoas identificadas com a causa popular:

A revolução militar morreu por falta de oxigênio. Com um pouco de oposição teria lançado raízes, e com um pouco de simpatia teria sido fecunda, teria criado o ritmo que nos falta; mas nós somos um povo de pouca coragem; não somos capazes de nos opor nem de nos exaltar nem de criar nada. Não houve nenhuma reação aos acontecimentos, nem o menor impulso de defesa nem de adesão. Para que a revolução não fenecesse, teria sido necessário que uma força nova, menos disciplinada mas com ricas iniciativas, tivesse tomado para si o programa e tentado, por sua vez, realizá-lo seguindo um caminho

paralelo. Dessa maneira, as possíveis influências conservadoras que parecem haver inspirado a obra do governo poderiam ter sido neutralizadas e apagadas pela avalanche. Lamentavelmente, as massas, que deveriam ser as mais interessadas em modificar a organização social, não contribuíram com esse esforço e perderam uma valiosa oportunidade de dominar os acontecimentos e de trazê-los para o seu campo⁴⁸.

A mudança de sua perspectiva de análise era evidente. Em nenhuma passagem se podiam apreciar os conceitos característicos do anarquismo, presentes em todos seus artigos até pelo menos meados daquele ano. Que havia ocorrido? Era somente o efeito do tremendo impacto que a irrupção do poder militar havia produzido em seu estado de ânimo e no de outros lutadores populares? Não é demais lembrar que, apenas seis dias depois de publicado seu artigo nas páginas do jornal comunista, Luís Emilio Recabarren se suicidaria em sua casa, em Santiago, decepcionado, segundo algumas versões, pela incapacidade de resposta do movimento popular frente aos graves acontecimentos que comoviam o país (Grez *História*, p. 336-345). Também é preciso considerar que, em meados dos anos 1920, começou a irrefreável decadência da corrente anarquista chilena. Surgiram profundas divisões em seu seio, e sua obstinada oposição à legislação social recém-promulgada terminou por isolá-los de amplos setores dos trabalhadores. A isso se somaria, a partir de 1927, a implacável perseguição contra comunistas e anarquistas, desencadeada pelo ditador Ibañez, e a cooperação por seu regime de um número considerável de anarcossindicalistas⁴⁹. Em todo caso, a falta de fontes mais precisas nos impede de responder as questões formuladas anteriormente. Podemos apenas constatar a mudança nas análises de González Vera, comparando-as com seus textos precedentes e também com seus escritos e declarações posteriores, a fim de determinar se se tratava de um fato isolado ou de uma evolução mais profunda.

Homem de esquerda

Apesar de ser um opositor da ditadura de Carlos Ibañez del Campo (1927-1931), González Vera viveu sob esse regime sem grandes sobressaltos⁵⁰. Sua militância no campo anarquista já era coisa do passado e, naqueles anos, reorientou sua vida para o trabalho como ajudante de revisor de provas na Penitenciária de Santiago, e depois como vendedor em uma peleteria. Em 1928, publicou seu segundo livro, *Alhué*, provavelmente sua obra que teve melhor acolhida pelo público. Segundo Mariano Picón-Salas, “a atitude social em luta” que se adivinhava em *Vidas mínimas* parecia ter sido substituída em *Alhué* “por uma visão mais objetiva da vida, ou por uma espécie de desilusão

da luta, que, no entanto, não renuncia a seu caráter de protesto”⁵¹. Isso coincidiria com sua mudança ideológica, de um anarquismo doutrinário e inflexível a uma posição de esquerda menos marcada pela rigorosa adesão a uma ideologia em particular. Isso também foi percebido pelo repórter do conservador *El Diálogo Ilustrado*, que foi entrevistá-lo em finais de 1928 na Peleteria Londres da capital:

Entre luxuosas capas e os abrigos opulentos, González Vera abriga *vagos sonhos de renovação social*, em que o arminho, ou pelo menos o coelho, esteja ao alcance de todas as mulheres sem distinção de castas... ou não castas. Porém, como é profundamente bom, seu sorriso resignado oculta o gesto amargo que as desigualdades lhe provocam; e as elegantes clientes, que não viram o poeta sob o disfarce de comerciante, menos ainda podem imaginar o lutador por trás da suave benevolência do apóstolo, que lhes diz:

– Leve então o “*petit-gris*”. Pode pagá-lo a prazo⁵².

O militante anarquista havia ficado para trás. Em seu lugar surgia um homem de esquerda não filiado a nenhum partido, libertário em um sentido muito genérico, mas não um anarquista doutrinário. Os vaivéns políticos acompanhavam a evolução de sua vida pessoal. Em 1932 contraiu matrimônio com Maria Marchant Riquelme, professora de inglês de origem popular (seus pais eram verdureiros de La Vega), a quem havia conhecido uma década antes, quando ela era uma combativa estudante universitária (Moraga, p. 363-365, 383 e 387). Não é demais mencionar que sua mulher foi uma destacada militante comunista, que chegou a ser vereadora. Nessa mesma época, começou a trabalhar como funcionário da Universidade do Chile, onde mais tarde chegou a ocupar um posto de grande responsabilidade. Também em 1932, em companhia de Manuel Rojas e de outros amigos, impulsionou a publicação do jornal *Célula*, no qual expôs suas novas ideias acerca da realidade social e política.

Em um artigo intitulado “En torno al proceso social”, publicado na edição de junho-setembro de 1932 deste novo periódico, depois de um rápido percurso pela história republicana do país, com ênfase nos acontecimentos do século XX, González Vera assumiu a defesa dos operários contra os abusos da oligarquia e as pretensões da burguesia de governar sozinha, sem os proletários, em seu exclusivo benefício. A conclusão deste escrito é um bom indicador de seu novo horizonte ideológico:

Ou se governam as classes para manter o capitalismo, e então abandonam-se as bandeiras contrárias, ou se vai, também claramente, ao socialismo. E,

neste caso, rompe-se a promiscuidade com os elementos oriundos de todas as categorias sociais e se estabelece o consórcio técnico-operário para reestruturar a sociedade de tal modo que as maiorias pobres tenham a segurança de trabalhar sempre, e com seu trabalho obter o que a vida em condições razoáveis exige⁵³.

Do mesmo modo como vinha ocorrendo desde meados da década anterior, neste e em todos os textos de sua autoria que apareceriam posteriormente os conceitos e a linguagem característicos do anarquismo haviam desaparecido. O escritor já não invocava a anarquia, nem o comunismo libertário, muito menos a ação direta nem a greve geral revolucionária. Apenas leves referências a um “socialismo” um tanto vago, de contornos imprecisos, que se diferenciava certamente do regime que na União Soviética de Stalin se apresentava como socialismo aos olhos do mundo, mas que tampouco era definido mais além de alusões genéricas à liberdade.

Suas menções ao Partido Comunista do Chile eram moderadas (sua mulher era militante daquele Partido!). Assim, por exemplo, em finais de 1932, diante da candidatura presidencial do dirigente comunista Elías Lafferte, representante, segundo suas palavras, “dos comunistas ortodoxos” (para diferenciá-los dos dissidentes que, encabeçados por Manuel Hidalgo, terminariam formando a Esquerda Comunista), descrevia o representante do Partido Comunista como “um homem honrado e sincero”, que, à semelhança do candidato conservador, sabia o que queria e ia “direto a seu objetivo”, mas “sem conceder nada à realidade e sem dar importância alguma às peculiaridades nacionais”, arrematando sua opinião com um par de frases amáveis e lapidares ao mesmo tempo: “Sua modéstia, sua fé e sua incompreensão da política o manterão sempre na mesma linha. A vida nacional circula equidistante de conservadores e comunistas”⁵⁴. Essas opiniões sobre o comunismo oficial, moderadas na forma, mas severas no fundo, contrastavam com sua admiração por Leon Trotsky, sentimento compartilhado por Manuel Rojas, Laín Diez, Mauricio Amster e Enrique Espinoza, do grupo nucleado em torno da revista *Babel*, o que lhes valeria durante muito tempo a hostilidade dos comunistas⁵⁵.

Anos mais tarde, seguramente graças à militância de sua esposa, González Vera chegaria a um *modus vivendi* com o Partido Comunista, organização que em seus anos de juventude havia designado como representante do “comunismo autoritário”. Maria Marchant contava que, quando ele chegava em casa e a encontrava reunida com seus camaradas, esboçava um sorriso e soltava uma de suas típicas frases carregadas de irônica simpatia: “Temos culto aqui”. E, quando ela se apresentava como candidata pelo Partido Comunista nas campanhas para vereadores, ele perguntava, chamando-a por um apelido

carinhoso: “Chefe índio, devo ir pichar paredes?” Mas quando o convidavam para participar das reuniões do partido, ele se desculpava dizendo: “Não sabem o risco que estão correndo. Eu sou um grande falador. Tomo a palavra e nenhum de vocês vai poder falar mais nada”⁵⁶.

Afastado da militância anarquista de sua juventude, González Vera se manteria até o último de seus dias como um independente de esquerda, que regularmente votava com os socialistas. Enrique Espinoza, grande amigo e companheiro de jornada na edição da revista *Babel*, nos deixou uma preciosa pista acerca da evolução do antigo jovem anarquista:

Como seu mestre Augusto Pinto, vai se inclinando a um socialismo humanista. Oscar Vera, seu primo por afinidade eletiva, naquela ocasião traduz ao castelhano textos clássicos do socialismo francês. O anarquista que celebrou o quarto aniversário da Revolução Russa com sentido crítico não renega nenhuma das escolas surgidas do socialismo alemão (Espinoza, p. 93).

Um par de entrevistas ao próprio González Vera publicadas em 1942 colocam mais luzes acerca de algumas concepções distanciadas de qualquer definição doutrinária muito precisa, afora um horizonte humanista e de esquerda. À pergunta formulada por Georgina Durand, do jornal *La Nación*, sobre qual deveria ser a posição do escritor frente aos problemas gerais da sociedade, respondeu:

Opinar honestamente. Abstrair-se de que o país esteja dividido em classes, manter sua independência e defender o que é mais essencial para sua vida: a liberdade, qualquer regime baseado na liberdade em seu sentido mais amplo. Um escritor que apoia a força, põe seu talento e seu domínio do verbo a serviço de qualquer possível tirano, ou defende totalitarismos ou ditaduras proletárias, é escritor que não se respeita, que não tem consciência de seu destino, de sua grande missão na vida. O escritor, embora econômica e socialmente ocupe o último lugar, tem o lugar mais alto na sociedade e no tempo como conservador dos valores espirituais⁵⁷.

Apesar de sua rejeição aos “totalitarismos ou ditaduras proletárias” e seus porta-vozes (numa clara referência ao regime stalinista e a seus seguidores), era categórico: seu preceito de fazer abstração à divisão da sociedade em classes sociais não tinha nada de anarquista, nenhum ponto de contato com seus próprios postulados de duas décadas antes.

Alguns meses depois de realizada essa entrevista, respondeu da seguinte maneira à pergunta, formulada por um repórter da revista de arte e litera-

tura *Millantun*, sobre como considerava a função do escritor em relação direta com a realidade social:

Considero que o escritor contribui para formar, claro que em grau mínimo, a realidade social. Suas ideias, seus sonhos, seus projetos com o passar do tempo criam a nova realidade. O escritor luta para manter, com toda razão, os valores espirituais: a verdade, a justiça, a beleza, o respeito ao ser humano, sem os quais não haveria possibilidade alguma de ordem nem harmonia nas sociedades. De uma maneira ou outra, o escritor é depositário desses valores. Por tal motivo, sua responsabilidade é grande, e é seu dever manter puro seu instrumento de expressão, escrever em bom idioma e estar aberto às aspirações permanentes do mundo. Em consequência, não pode o escritor colocar-se a serviço de alguma seita, nem servir à bandidagem que atende pelos nomes de fascismo ou de nazismo, nem aceitar, de nenhuma maneira, ser mantido pelo governo dos países. *O escritor deve ser somente um servidor da verdade*⁵⁸.

Para que não restassem dúvidas de que sua orientação era um humanismo de esquerda sem sobrenomes, no final da entrevista afirmou que, quando acabasse a Segunda Guerra Mundial, viria um movimento que retificaria os erros do comunismo russo, isto é, que revalorizaria o homem, porque o sentido da cultura moderna, sem dúvida, era “fazer do homem um fim”⁵⁹.

Ao completar o primeiro aniversário da morte de González Vera, o escritor Hernán del Solar comentou, em um artigo publicado em *El Mercurio*, que, embora o desaparecido Prêmio Nacional de Literatura fosse agrupado junto aos escritores “comprometidos”, na realidade não havia tido outro compromisso que não fosse com a verdade: “Seus personagens vivem como são: homens e mulheres desafortunados que não escalam seu infortúnio para do alto fazer pregações. Também eles, como seu autor, querem ser reais, fidedignos”⁶⁰.

Vários analistas de sua obra coincidem em destacar a mesma ideia, isto é, a de um compromisso com a verdade, com a justiça social e com os oprimidos, sem concomitância com uma doutrina em particular. Hernán Díaz Arrieta (Alone), famoso crítico literário de tendência conservadora, escreveu em 1950:

No espírito de González Vera coexistem curiosamente as inquietações políticas (começou anarquista e se deteve no limite do comunismo) e uma forma impassível, uma atitude imperturbável. Revolucionário teórico, levado ao terreno da ação, provavelmente se paralisaria se fosse preciso lançar palavras vãs, frases declamatórias, como é preciso fazê-lo em uma revolução. Ante

tudo, o bom gosto. E como o bom gosto é medida, proporção, equilíbrio, eu não teria medo de um movimento revolucionário dirigido por González Vera. Ao contrário. Gostaria de vê-lo, de participar dele⁶¹.

De outra vertente ideológica, o escritor e dirigente comunista Volodia Teitelboim afirmou algo parecido:

Este anarquista em sua mocidade não foi um homem de partido, mas sempre reconheceu seu lugar dentro daquilo que ele era, do povo, que em González Vera alcançou a altíssima finura de povo autêntico e senhor de si de que falava Antônio Machado. À Esquerda sempre, e sem alardes e sem vacilações, e não um desiludido de tudo e para sempre, como pretenderam apresentá-lo alguns retratistas seus, inclusive de sua intimidade mais próxima⁶².

São numerosos os indícios e testemunhos que afirmam que González Vera, sendo ainda muito jovem (em torno dos 30 anos de idade), havia abandonado sem estardalhaços, rancor nem reclamações o campo anarquista. Ricardo Latcham, ao comentar em 1959 o livro *Algunos*, de recente aparição, afirmou que seu autor “conservava parte de seu temperamento de 1922”, “forjado no molde anarquista desses anos”, e que continuava leal a seu ideal de juventude, porém definido este ideal de uma maneira que não poderia ser de nenhum modo catalogado como anarquista: “moderadamente anticlerical e antimilitarista, adicto à razão e ao livre pensamento, não se encaixa na literatura elementar desses tempos sectários e dominados pela bandeira do partido único e monolítico”⁶³.

Elena Caffarena, que fora amiga muito próxima do escritor e de sua mulher, escreveu em 1972 que:

González Vera tinha uma personalidade pacífica, quase angelical. Não atacava ninguém. Não falava mal de ninguém: nem de políticos, nem de escritores, nem de amigos. Não menciono os inimigos porque não os tinha. Era essencialmente um eclético, que perdoava os defeitos dos homens e buscava encontrar os aspectos positivos dos seres, das coisas e das doutrinas. Não foi militante de nada, salvo, talvez, da ‘não violência’⁶⁴.

Ricardo Latcham foi um pouco mais longe, destacando que seu “anarquismo” havia sido apenas de atitude: “Mais que um anarquismo militante, foi um anarquismo de atitude, de gesto, de simpatia oculta, que em González Vera se resume quando diz que nunca aceitou ser mandado”⁶⁵. “Não há na literatura social de González Vera o açoite panfletário, a censura política não

incita à rebeldia. [...] Não há uma só recriminação, uma queixa sequer, não há ódio”, diria um de seus comentaristas anos depois de sua morte⁶⁶. Enrique Espinoza, que foi seu amigo desde meados da década de 1930, afirmou que González Vera “não pertenceu a nenhum partido político, realmente sempre foi um homem de esquerda, para usar um termo convencional de fácil compreensão. Votava sempre pelos socialistas”⁶⁷. Mais ainda, é sabido que na campanha presidencial de 1964 foi dirigente do Comitê de Escritores e Artistas da candidatura de Salvador Allende, por quem vinha votando eleição a eleição⁶⁸.

Outro de seus colegas, Carlos Ruiz Tagle, também apresentou um testemunho anedótico sobre a posição política de González Vera que corrobora a opinião de Espinoza e de outros contemporâneos. Conta este autor que, em 1969, Allende visitou González Vera para que apoiasse sua quarta postulação à presidência da República. A resposta do escritor, além de dar testemunho de seu fino e proverbial humor, deixa claro qual era há muito tempo sua posição no cenário político nacional: “Eu estou muito afastado da política, Salvador – observou –, mas vou votar em você porque estou acostumado a fazê-lo”⁶⁹.

Conclusão

Esta revisão de diversas fontes referentes às posições políticas assumidas por José Santos González Vera desde os primeiros anos de sua adolescência até o último de seus dias demonstra, enfaticamente, que sua adesão ao anarquismo, embora fervorosa e consequente, durou apenas uma dezena de anos aproximadamente. As marcas de sua atividade militante na corrente anarquista desaparecem em meados da década de 1920. Desde então, sua principal paixão seria a literatura, através da qual expressaria seu compromisso social e ideias de homem de esquerda, e que manteria durante toda a sua vida. Optou por um socialismo genérico, sem sobrenomes nem representantes partidários que monopolizassem sua bandeira. Assim, desde a década de 1930 votou sistematicamente pelos socialistas, ou seja, pelos mesmos a quem em seus anos de anarquista havia qualificado como “pelegos entre o capitalismo e os trabalhadores”. Quando disse a Allende que na eleição de 1970 votaria nele porque estava acostumado a fazê-lo, apesar do tom jocoso, estava dizendo uma verdade que ninguém podia pôr em dúvida.

Que restava então do anarquista? Pouco, ou quase nada daquele militante que, se fosse perguntado sobre a data do advento da “fraternidade perfeita” “e da consequente mudança social, não houvesse vacilado em considerá-la materializada dentro de cinco anos”⁷⁰. Um anarquista jamais votaria nas eleições dos membros representativos do Estado – menos ainda de maneira

regular – pelos candidatos do socialismo parlamentarista, nem sustentaria as posições que González Vera manteve durante os quarenta e tantos últimos anos de sua vida. O anarquista não se caracteriza, como equivocadamente mencionou Mario Ferrero ao atribuir tal etiqueta a nossa personagem, pela “esperança desapercebida”, nem por “uma atitude de evasão, uma conduta marginal no processo histórico da sociedade”⁷¹. Também para ser anarquista não basta não haver pertencido jamais a nenhum partido político, nem haver sido partidário de nenhuma ditadura nem de nenhum sistema ditatorial, como alegou seu amigo Manuel Rojas para afirmar que González Vera nunca havia deixado de ser anarquista⁷²; os anarquistas propugnam a supressão imediata das estruturas de poder e sua substituição pela auto-organização dos produtores como um meio para instaurar a sociedade anarquista ou comunista libertária, que prescindia do Estado e da propriedade privada e funcione apenas com as estruturas geradas diretamente, e sem intermediários, por homens e mulheres. Nada disso pode ser apreciado nos escritos e declarações de González Vera a partir de finais dos anos 1920. Seu espírito libertário não havia definhado, do mesmo modo que não havia diminuído sua simpatia pelos explorados e oprimidos, porém isso não basta – reiteramos – para fazer um anarquista. Na realidade, González Vera havia abandonado os princípios doutrinários, o discurso, as imagens, concepções de luta e de ação política do anarquismo. Mas nunca renegou seu passado anarquista. Ao contrário, o reivindicou e valorizou:

Minha vida literária não existiria – e me apresso em dizer que não seria uma perda irreparável – se não tivesse me tornado anarquista em minha adolescência. Quando conheci essas ideias e o projeto anarquista de uma sociedade igualitária, tive o veemente desejo de propagá-los. Não sabia falar em público. Não me restou outra possibilidade senão escrever para que ideias tão singelas chegassem a toda parte⁷³.

Não renegou suas convicções passadas nem desdenhou de seus antigos camaradas, como costumam fazer os convertidos para obter as graças de seus novos companheiros ou dos poderes frente aos quais se dobraram. Ao contrário, na revista *Babel*, primeiro, e em seus livros *Cuando era muchcho* e *Eutrapelia*, depois, traçou valiosos retratos dos anarquistas das primeiras décadas do século XX, tratando-os com grande ternura e consideração, sem por isso deixar escapar sutis comentários humorísticos e suavemente irônicos sobre o mundo anarquista, de acordo com seu inveterado costume ao escrever sobre os mais variados temas. Porém, não cabem dúvidas sobre seu afastamento da corrente libertária, sem brusquidão ou polêmicas, conforme seu caráter.

Talvez, desse horizonte ideológico apenas conservaria – segundo a fórmula de Rafael Gumucio – “uma forma radical de ceticismo social e de individualismo selvagem, moderado por um alto sentido da compaixão e da moral coletiva”⁷⁴. Nada mais, nem nada menos.

Para sintetizar nossa conclusão sobre a evolução, ordenada e coerente, de seu pensamento político, nada melhor que citar suas próprias reflexões de homem maduro expressas em *Eutrapelia*:

Creio que a vida humana não seria tão enraizada se não se pudessem forjar planos de melhoria social, se não imaginasse que algum dia haverá um nível mínimo, mas satisfatório, do qual ninguém possa descer e sim ir subindo, por um mais sábio emprego das mãos e do espírito, a estados superiores em que cada homem e mulher possam realizar-se para seu próprio gozo e o gozo alheio. Uma pessoa seria muito empedernida se não concebesse a sociedade do futuro de modo inevitavelmente idílico⁷⁵.

O anarquista havia dado lugar ao homem de esquerda sem abandonar um horizonte de emancipação.

(Tradução de Maria Almeida Stedile)

RESUMO

Neste artigo se analisa criticamente a afirmação sem matizes sobre a condição anarquista de José Santos González Vera, desde o momento em que teve consciência dos problemas sociais até o último de seus dias. Para isso, o autor utiliza numerosas fontes que, apesar de serem bastante conhecidas, não haviam sido, até agora, colocadas a serviço de um exercício desse tipo. Desse modo, fica demonstrado que, depois de uma dezena de anos de ativa militância nas fileiras anarquistas, González Vera evoluiu a posições de esquerda bastante distantes das posições anarquistas de sua juventude.

PALAVRAS-CHAVE

José Santos González Vera; anarquismo; política; história política.

González Vera: from the anarchist teenager a left wing man.

ABSTRACT

This article discusses critically the anarchist condition of José Santos González Vera from the moment he gained conscience of social problems until his death. In doing so the author of the article uses a large number of well known sources, that were never employed before to this sort of practice. As a result of the analysis it will be proved that after had been part of the anarchist move-

ment González Vera evolved to left wing positions far away from those of his youth

KEYWORDS

José Santos González Vera; Anarchism; Politics; Political history.

NOTAS

¹ Originalmente publicado sob o título “González Vera: de muchacho anarquista a hombre de izquierda” em: *Anais de Literatura Chilena*, ano 14, junho de 2013, n. 19, p. 183-210. [N. E.]

² Professor do Departamento de Ciências Históricas da Facultad de Filosofía y Humanidades da Universidad de Chile. Contato do autor: sergiogreztoso@gmail.com.

³ GONZÁLEZ VERA, José Santos. *Cuando era muchacho*. 4ª ed. Santiago: Nascimento, 1969, p. 44.

⁴ GREZ TOSO, Sergio. *Los anarquistas y el movimiento obrero. La alborada de “la Idea” en Chile (1893-1915)*. Santiago: Lom, 2007.

⁵ GONZÁLEZ VERA, José Santos, *op. cit.*, 1969, p. 53.

⁶ *Ibid.*, p. 72-79.

⁷ *Ibid.*, p. 78-271.

⁸ *Ibid.*, p. 62.

⁹ *Ibid.*, p. 103-104 e 108-112.

¹⁰ *Id.*, *Eutrapelia*. 2ª ed. Santiago: Nascimento, 1963, p. 69-70.

¹¹ *Id.*, *op. cit.*, 1969, p. 118-119, 122-123 e 145.

¹² *Id.*, *op. cit.*, 1963, p. 76-80.

¹³ *Ibid.*, p. 80-81.

¹⁴ Ver: *id.*, “Cuadros de la vida”, *La Batalla*. Santiago, fevereiro de 1914; “Tiembra”, *La Batalla*. Santiago, abril de 1914; “Los Caínes”, *La Batalla*, Santiago, agosto de 1914.

¹⁵ *Id.*, “Lo que queremos”. *Verba Roja*. Santiago, 10 de março de 1919.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Id.*, “Necessidades del instante”. *Numen*, Santiago, 4 de outubro de 1919.

¹⁸ *Id.*, *op. cit.*, 1963, p. 81-82.

¹⁹ Sobre a FECH dessa época, ver VALLE, Fabio Moraga. “*Muchachos casi silvestres*”. *La Federación de Estudiantes y el movimiento estudiantil chileno 1906-1936*. Santiago: Ediciones de La Universidad de Chile, 2007.

²⁰ GONZÁLEZ VERA, José Santos, *op. cit.*, 1969, p. 204-205.

²¹ *Pijecitos*: designação pejorativa para jovens ricos, conservadores e que praticavam agressões contra estudantes progressistas. (N. T.)

²² GONZÁLEZ VERA, José Santos, *op. cit.*, 1969, p. 208 e 219.

²³ *Ibid.*, p. 243.

²⁴ Apesar de não ser universitário, González Vera não se inibiu de escrever e opinar sobre os problemas estudantis. Assim, por exemplo, em um artigo assinado por um de seus pseudônimos, se pronunciou contra a concepção que pretendia limitar o papel da FECH a estimular esportes e a proteção mútua, afirmando que, sem abandonar essas tarefas, a organização devia se constituir em “centro de opinião”, em cujo seio se discutissem e se comentassem todos os problemas e se resolvessem em uma perspectiva teórica. AGUIRRE, Elías [González Vera]. “Cuestiones estudiantiles”. *Claridad*. Santiago, 29 de outubro de 1921.

²⁵ Os dois primeiros pseudônimos foram apontados por Enrique Espinoza [Samuel Glusberg], que fora diretor da revista *Babel* e amigo íntimo de González Vera. ESPINOZA, Enrique. *José Santos González Vera. Clasico del humor*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1982, p. 91. O mesmo estilo de escrita e a similitude dos enfoques nos permitem concluir, sem risco de nos equivocarmos, que os artigos assinados por Demetrio Rubio e G. V. também saíram da pluma de González Vera.

²⁶ “Hacia la organización del Partido Laborista”. *La Nación*. Santiago, 31 de outubro de 1921.

²⁷ Um trabalho detalhado deste projeto abortado encontra-se em TOSO, Sergio Grez. *História del comunismo em Chile. La era Recabarren (1912-1925)*. Santiago: Lom, 2011, p. 159-167.

²⁸ GONZÁLEZ VERA, José Santos. “La formación de un partido de clase”. *Claridad*. Santiago, 14 de fevereiro de 1921. Destaques no original.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² *Id.*, “La acción directa y las huelgas”. *Claridad*. Santiago, 30 de julho de 1921.

³³ *Ibid.*

³⁴ *Id.*, “La voz disonante”. *Claridad*. Santiago, 3 de setembro de 1921.

³⁵ RUDÍN, Demetrio [González Vera]. “Por la independencia de los sindicatos”. *Claridad*. Santiago, 24 de dezembro de 1921.

³⁶ GONZÁLEZ VERA, José Santos. “El patriotismo es ansí...”. *Claridad*. Santiago, 22 de julho de 1922; “Posición de los anarquistas dentro del sindicato”. *Claridad*. Santiago, 9 de setembro de 1922; “Las hordas del fascio...”. *Claridad*. Santiago, 28 de outubro de 1922; “Interpretaciones”. *Claridad*. Santiago, 23 de dezembro de 1922.

³⁷ *Id.* “Algunas palabras sobre la revolución”. *Claridad*. Santiago, 5 de novembro de 1921 (destaque nosso).

³⁸ *Id.*, “La Internacional de Sindicatos Rojos”. *Claridad*. Santiago, 21 de outubro de 1922.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ *Id.*, “Luis Emilio Recabarren”. *Babel*, revista de arte y crítica, ano XI, v. XIII, 56, Santiago, 1950, p. 200-206.

⁴¹ *Id.*, “Lucha de clases”. *La Federación Obrera*. Santiago, 15 de fevereiro de 1922.

⁴² *Id.*, “La Internacional de Sindicatos Rojos”, *Claridad*. Santiago, 21 de outubro de 1922.

⁴³ *Id.*, “Respondiendo a la encuesta”. *Claridad*. Santiago, 29 de setembro de 1922.

⁴⁴ *Wobblies* ou IWW: Industrial Workers of the World – Trabalhadores Industriais do Mundo, organização anarcosindicalista, surgida em Chicago, em 1905. [N. E.]

⁴⁵ “Armando Triviño responde a la encuesta”. *Claridad*. Santiago, 30 de junho de 1923. In: MUÑOZ C., Victor M. *Armando Triviño: wobbly. Hombres, ideas y problemas del anarquismo en los años veinte. Vida y escritos de um libertário criollo*. Santiago: Qui-mantú, 2009, p. 11 e 112.

⁴⁶ GONZÁLEZ VERA, José Santos. “Ideas y críticas”. *Claridad*. Santiago, junho de 1924.

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Id.*, “La revolución no hubiera fracasado”. *Justicia*. Santiago, 13 de dezembro de 1924.

⁴⁹ MUÑOZ, *op. cit.*, p. 31-45; ROJAS FLORES, Jorge. *La dictadura de Ibañez y los sindicatos (1927-1931)*. Santiago: Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 1993, p. 85-103; GREZ TOSO, Sergio, *op.cit.*, p. 199-221.

⁵⁰ Uma década depois do término do regime de Ibañez, González Vera escreveu um severo artigo denunciando suas arbitrariedades, crimes e malversações. GONZÁLEZ VERA, José Santos. “La caída del tirano. Reminiscencias”. *La Nación*. Santiago, 24 de janeiro de 1942.

⁵¹ Revista Chilena, Santiago: janeiro-fevereiro de 1929. Citado por FERRERO, Mario. *Premios Nacionales de Literatura*. Santiago: Zig-Zag, 1962, p. 211.

⁵² “El autor de *Alhué*”. *El Diario Ilustrado*. Santiago, 19 de dezembro de 1928 (destaque nosso).

⁵³ GONZÁLEZ VERA, José Santos. “En torno al proceso social”. *Célula*. Santiago, junho-setembro de 1932. Reproduzido em SORIA, Carmen (comp.). *Letras anarquistas, artículos periodísticos y otros escritos inéditos*. Manuel Rojas, José Santos González Vera. Santiago: Planeta, 2005, p. 128-132.

⁵⁴ *Id.*, “Grove, Zañartu, Alessandri”. *Célula*. Santiago, dezembro de 1932. Reproduzido em SORIA, Carmen, *op. cit.*, p. 143-146.

⁵⁵ SCHWEITZER, Daniel. “Homenaje a González Vera. El hombre y el escritor”. *El Mercurio*. Santiago, 28 de fevereiro de 1971.

⁵⁶ “Último deseo de González Vera. ‘Que esparzan mis cenizas en el jardín’”. *El Siglo*. Santiago, 28 de fevereiro de 1970; Agapito, “Ahora, cenizas”. *El Clarín*. Santiago, 3 de março de 1970.

⁵⁷ DURAND, Georgina. “Um espírito travieso se oculta em González Vera”. *La Nación*. Santiago, 8 de março de 1942.

⁵⁸ “El escritor debe solamente ser un servidor de la verdad”. *Millantun 1*. Santiago, setembro de 1942, p. 2 e 31 (destaque nosso).

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ SOLAR, Hernán del. “La bondad de González Vera”. *El Mercurio*. Santiago, 28 de fevereiro de 1971.

⁶¹ ESPINOZA, Enrique. *José Santos González Vera*. Clásico del humor. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1982, p. 89.

⁶² *Ibid.*, p. 114.

⁶³ LATCHAM, Ricardo. “Algunos, por González Vera (Nascimento, 1959)”. *La Nación*. Santiago, 21 de junho de 1959.

⁶⁴ CAFFARENA DE JILLES, Elena . “González Vera”. *El Siglo*. Santiago, 2 de junho de 1972.

⁶⁵ LATCHAM, Ricardo. “La copia y otros originales”. *La Nación*. Santiago, 24 de dezembro de 1961.

⁶⁶ RUIZ SALDÍVAR, Carlos. “A 10 años de la partida de J. S. González Vera”. *La Estrella*. Valparaíso, 27 de fevereiro de 1980.

⁶⁷ ESPINOSA, *op. cit.*, p. 35.

⁶⁸ DRAGO, Gonzalo. “González Vera y Unidad Popular”. *La Región*. San Fernando, 17 de março de 1970.

⁶⁹ RUIZ-TAGLE, Carlos. “Encuentro com González Vera”. *El Mercurio*. Santiago, 23 de setembro de 1990. A proximidade de nosso personagem com Allende era muito antiga. Em 1951, havia lhe dedicado um dos parágrafos de sua obra autobiográfica *Cuando era joven*, *op. cit.*, p. 143.

⁷⁰ GONZÁLEZ VERA, José Santos. *Eutrapelia*. 2ª ed. Santiago: Nascimento, 1963, p. 69.

⁷¹ FERRERO, Mario. *Premios Nacionales de Literatura*. Santiago: Zig-Zag, 1962, p. 209.

⁷² ESPINOSA, *op. cit.*, p. 115.

⁷³ Citado em DONOSO, Gustavo. “Notas sobre González Vera”. *Rayentru, literatura chilena* 14. Santiago, março de 1999.

⁷⁴ GUMUCIO, Rafael. “González Vera: coleccionista de fósforos”. *El Mercurio*. Santiago, 5 de setembro de 2010.

⁷⁵ GONZÁLEZ VERA, José Santos. *Eutrapelia*. 2ª ed. Santiago: Nascimento, 1963, p. 113-114.